



**O DESTINO PULSIONAL DA HUMANIDADE EM *THE WALKING DEAD*:
PERVERSÃO, VIOLÊNCIA E CANIBALISMO**

Adriano Messias¹

Resumo

Este artigo envereda por certa tópica bastante recorrente nos estudos contemporâneos da comunicação, a qual envolve os conceitos de “sintoma”, “violência”, “trauma” e “pulsões”. Tomando metonimicamente como ponto de partida uma cena de canibalismo de um dos episódios de *The Walking Dead*, trago aportes sobre os sentidos da violência no mundo de hoje, orientado a partir de uma análise mediática de instrumental semiótico-psicanalítico. Demarca-se o atual século como aquele em que a perversão se mostra com intenso relevo, uma vez que esta se apoia nos veículos da mídia, os quais transformam as tantas hediondas passagens ao ato em espetacularização ubíqua e globalizada.

Palavras-chave: Mídia. Psicanálise. Violência. Trauma. Zumbi.

Canibais entre zumbis

O episódio 3 da quinta temporada de *The Walking Dead* chama-nos a atenção ao levar a espécie humana aos extremos do canibalismo no mundo devastado por uma contaminação. Ficou evidente, em toda a série, que os zumbis são a menor das preocupações para os parques núcleos humanos que lutam pela manutenção das próprias vidas: relativamente fáceis de serem exterminados – um tiro ou punhalada na região do cérebro é o bastante – e de marcha lenta, muitas vezes esses monstros acabam por oferecer, aos personagens vivos, tempo hábil para defesa e fuga. Os mortos-vivos da série também não demonstram possuir raciocínio: em sua galvânica existência, caminham tropeçadamente, e assim se mantêm, mesmo quando são pegos em armadilhas. Não desenvolvem qualquer resolução que lhes permita superar uma situação difícil ou um obstáculo. Literalmente, são criaturas desprovidas de subjetividade: “mortos que caminham”.

¹ Pós-doutorando em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, doutor em Comunicação e Semiótica e pesquisador do Grupo de Pesquisa Transobjeto (PUC-SP). E-mail: adrianoescritor@yahoo.com.br.

V COMcult

o que custa o virtual?

Os telespectadores fiéis a *The Walking Dead* sabem que as cenas que os esperam, a cada nova temporada, são sempre de eviscerações, empalações, estripamentos, mutilações de membros, degolamentos, decapitações, em um mergulho imagético em muito sangue, viscosidades, dejetos e podridões. Em parte, isso se deve a uma busca estratégica por crescentes audiências, no afã de se ultrapassar ou reinventar os limites da violência nas telas, considerando-se que o nível de fabulação e profundidade das personagens nem sempre é elevado. Desde os quadrinhos que originaram a produção televisiva, prima-se pela esfera de ação, suspense e aventura; e, no caso das imagens moventes, somaram-se a elas a pirotecnia dos efeitos e as caçadas e perseguições do tipo “gato e rato”, e também a sensação de repugnância causada pela maquiagem e pelo figurino dos “mortos”.

Os aficionados perceberam, há muito, que a grande monstruosidade do enredo está na própria condição humana, desafiada a cada episódio: são os vivos que combatem entre si, se torturam, estupram, assassinam, com escassas demonstrações de remorso e culpa. Que mundo às avessas, pois, é aquele em que o vagido de um bebê denuncia a presença de sobreviventes aos famintos zumbis e, por isso, uma criança se torna um complicador a mais na manutenção da vida? Ou, ainda, o que esperar de uma civilização decadente que descartou no lixo um Caravaggio, como informa um dos personagens do episódio 4 da referida temporada? Entrando na brincadeira filosófica dos criadores da série, pode-se acompanhar a “involução” da humanidade pelos tantos atos de decrepitude dos personagens, temporada após temporada. Em um “fim dos tempos” marcado pela maldade, o zumbi é só mais uma consequência desta, jamais sua causa; afinal, ele não passa de uma vítima do aspecto funesto do desejo de poder do homem. Porém, a tentativa de domínio não logrou efeito, pois os humanos que lutam entre si e arrancam cabeças de zumbis são também portadores do mesmo flagelo que combatem: assim que morrem, tornam-se criaturas andantes e famélicas, ávidas por morderem quem quer que encontrem: trata-se de uma devoração que não leva a nada. Uma antropofagia sem bases ritualísticas.

O episódio 3 da temporada em questão, *Quatro paredes e um teto*, busca causar repugnância por meio de uma das máximas violações sociais, equiparada talvez ao incesto: o canibalismo, que, entretanto, não assume, no enredo, qualquer contrato tribal, ao contrário do que a antropologia observou em vários grupos humanos. Antes, o ato de antropofagia

V COMcult

o que custa o virtual?

espetaculariza o sadismo perverso que o engendra. Já em uma das cenas do primeiro episódio da temporada, percebe-se um grupo de sobreviventes que degolam os que encontram pelo caminho, a fim de que os corpos sejam posteriormente ressecados e lhes sirvam de alimento. O desenvolvimento da ação é impactante e causa desconforto. No episódio terceiro, alguns dos sádicos capturam um homem negro. Enquanto conversam com o prisioneiro, devoram nacos de carne que o espectador saberá ser um pé mutilado. A câmera capta a fogueira em que o membro assa. A vítima, ainda viva, percebe com horror o que lhe fora feito, e depois, gargalhando, explica que seus algozes estavam comendo, de fato, uma carne infectada, pois um zumbi o havia mordido algum tempo antes. Todos virariam mortos-vivos.

Sob o olhar psicanalítico, a série *The Walking Dead* pode ser entendida, em grande medida, como uma elegia à pulsão de morte – a *Todestrieb* ou “princípio de inércia” humano. Resgatando aqui o pensamento científico do século XIX, que tanto influenciou a teoria freudiana, pode-se, por exemplo, dizer que, por uma questão de entropia, e em conformidade com a segunda lei da termodinâmica, seria impossível a criação de uma máquina em moto perpétuo, cuja energia não se esgotasse. Quando se quebra um ovo, não se consegue reconstruí-lo; da mesma forma, as cinzas de um jornal não podem voltar a ser o jornal. O complexo tende a terminar em simples; a estrutura vai à desorganização; a ordem sucumbe ao caos. Foi em analogia à física de sua época que Freud desenvolveu o termo “pulsão de morte”, encontrado em seu estudo sobre o Homem dos Lobos², e também no texto *Análise Terminável e Interminável*. Já Lacan, para quem a libido tenderia ao retorno à morte, utilizou a mesma expressão em um dos seus *Escritos*³ e em seis seminários. Ele considerava a pulsão de morte basal, uma vez que as demais a ela convergiriam. Impossível de ser racionalizada o tempo todo, a própria morte fundamentaria, por isso mesmo, o impossível do/ no real.

Segundo Freud, em todos os seres vivos haveria uma tendência de retorno à matéria inorgânica. Esta ideia foi contestada por alguns críticos, para os quais seria um grande infortúnio esta espécie de “condenação fatal” à entropia da pulsão de morte. Independentemente de diferenças de entendimento teórico, o inegável é que não se pode

² Sobre este famoso texto, cf.: FREUD, 1976.

³ Cf., por exemplo: LACAN, 1998, p. 745.

V o que custa o virtual?

pensar uma clínica da cultura, por exemplo, sem se fazer considerações à presença e abrangência da pulsão de morte, associada, em boa medida, a atos de violência.

O século da violência e do trauma

Indubitavelmente, vivemos o século da violência e do trauma, essa dupla inseparável, assim como o XX foi o século do mal-estar “na” e “da” cultura. De certa forma, violência e trauma são derivações diretas do mal-estar localizado por Freud. Claro, não afirmo com isso nada de novo: as décadas passadas é que nos conduziram ao estado de coisas que agora presenciamos. Em uma época em que a figura paterna se liquefaz e surgem prováveis novos arranjos de representações do pai, tudo se torna incerto: quem se acreditava estar no controle, detendo a Lei, parece ter perdido seu posto, seja este alguém Deus, o Estado, o herói social. Para muitos, a irrelevância das proibições que tentam ser estabelecidas na sociedade, somadas às fragilidades das construções éticas, refletem uma cultura devastada pelo gozo perverso.

Pensar a violência atual encontra uma comparação imediata: no século anterior, a violência social apareceu muitas vezes associada às tecnologias totalitárias e fascistas, ou a revoluções matriciais, como a socialista, ou aos governos ditatoriais; ou, ainda, às ideias de “purificação”, “saneamento” e “redenção”, como no nazismo. Para isso, os regimes políticos violentos se nutriram do cientificismo do século XIX (com as teorias evolucionista e eugênica, por exemplo) para justificarem os genocídios, ponto máximo de repúdio a uma suposta alteridade radical e perniciosa. Afinal, a segregação e o racismo são resultados de um choque: não se suporta o gozar do Outro; exerce-se, desta forma, uma vontade arbitrária e, por fim, aniquila-se uma pessoa ou um povo, reduzindo-o à dimensão de mero dejetivo do gozo do Outro (cf.: MACÊDO, 2014, p. 203; 207). No nazismo, isso se deu com os extremos de tortura e extermínio nos campos de concentração, ancorados a uma política e a uma tecnologia de defesa do biopoder. “A especificidade do racismo moderno é não estar ancorado em ideologias, mas em tecnologias de poder” (MACÊDO, 2014, p. 219). E este século, que teve seu vero início a partir de um ataque terrorista de proporções simbólicas globais, parece tender a assumir formas tão ou mais perversas de gozo do que as das décadas passadas.

O que discuto aqui é a gratuidade com que atos de arrebatadora violência ganham visibilidade na mídia: uma discussão de trânsito pode levar à morte de uma das partes; ou,

V COMcult

o que custa o virtual?

ainda, um aluno frustrado com uma nota recebida pode investir fisicamente contra o professor. Tudo fica devidamente registrado pelas câmeras de celulares e tablets, e, posteriormente, em vídeos que serão exibidos na TV e nos milhares de sites da internet. A violência atingiu inegavelmente um patamar ubíquo.

Este raciocínio vai ao encontro do pensamento de Arjun Appadurai (2009), que há anos pesquisa a violência coletiva, originária do conflito civilizacional manifesto nos etnocídios e “civicídios”; violência esta marcada tantas vezes pelos “pequenos números”, como os dos terroristas moleculares ou dos grupos agressivos de extrema direita, que, de tão atomizados, nem sempre se enquadram na lógica mais tradicional dos estudos da violência. Appadurai denomina de “ideocídio” um fenômeno muito contemporâneo: aquele em que traços culturais, comportamentos e atitudes de coletividades inteiras são vistos como perigosos e, portanto, extermináveis. Este é o caso da facção fundamentalista e terrorista sediada ao norte da Nigéria, Boko Haram, termo este que significa “a educação ocidental ou não-islâmica é um pecado”. Appadurai fala ainda de “ódio a distância”, “abstrato”, “portátil” (2009, p. 94-5), como aquele nutrido por muitos norte-americanos em relação a povos muçulmanos, e vice-versa. Para ele, o ódio em longa distância precisa de dois ingredientes letais: “(...) uma teodiceia maniqueísta que procura explicar de uma só vez a deterioração moral do mundo e um conjunto de imagens e mensagens em que essa teodiceia maniqueísta pode se enraizar e tornar-se plausível em nível local” (APPADURAI, 2009, p. 95). E este uso da mídia a favor da perversão não é recente: “(...) o programa nazista terá sido a primeira grande figura da violência midiática construída através da exploração política das técnicas representativas, cujo emblema é a representação do judeu típico pela propaganda racista de Goebbels” (MACÊDO, 2014, p. 25).

Neste mundo weberiano desencantado, a violência desmesurada, tantas vezes desprovida de qualquer discurso de base, pactua com a acirrada perversão que a fabrica. Na época inaugural do chamado pós/humano, considero que três características fundamentam a violência desterritorializada, avessa a quaisquer “marcos de sesmaria” simbólicos que possam lhe impor limite: a polimorfia, a ilimitação e a ubiquidade. Isso faz com que muitos dos atos violentos dos quais somos notificados diariamente acontecem das maneiras mais variadas: por exemplo, uma manifestação de rua pode começar pacificamente e terminar com mascarados

V COMcult

o que custa o virtual?

que queimam o patrimônio público e privado e colocam vidas humanas em risco. Em instantes, avenidas se transformam em campos de guerra, com presença de barricadas e confronto com policiais. Outra faceta da polimorfia e da não limitação da violência está na facção que se autointitulou Estado Islâmico, a qual desafia as organizações mundiais com seus reféns e crimes hediondos. Raptar e assassinar uma pessoa que não tenha qualquer ligação com grupos ou ideologias tem sido outra estratégia dessa “perversão contemporânea organizada”, que busca horrorizar sempre mais sua plateia mundial.

Neste contexto nefasto, a ubiquidade parece ser o grande emblema dos violentadores hodiernos, que violam, corrompem, mutilam e matam uma, várias, centenas ou milhares de pessoas. Seus atos ganham imediata espetacularização nas variadas mídias e repercussão instantânea nas redes sociais da internet. Para o gozo do perverso, os bilhões de espectadores, leitores, ouvintes e comentadores formam uma essencial peça do jogo. No fundo, é como se esses tipos de violentadores dissessem a seu público: “gozam!, pois sabemos como vocês gostam de gozar”.

Abordo a seguir, portanto, a violência como consequência da estrutura perversa, exemplificada na cena de canibalismo de *The Walking Dead*, em inversão atroz: aquela que coloca o ser humano não mais como o vir-a-ser do zumbi, mas como o pior dos monstros.

Patologias da perversão

O sentido atribuído à perversão sofreu várias mudanças no decorrer dos últimos dois séculos⁴: da medicina dos oitocentos, que a pensava em termos de desordem ou desvio, chega-se a Freud, o primeiro a associar o conceito à sexualidade pré-genital, ao considerar a criança como perverso polimorfo em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). De 1919 em diante, Freud passou a estudar a perversão relacionada ao Édipo em alguns de seus textos: *Uma criança é espancada: contribuição ao estudo da origem das perversões*, *A dissolução do complexo de Édipo* e *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*. Posteriormente, ele buscou diferenciar a perversão da neurose e da psicose; e, com estas, ela constituiu as três estruturas básicas de formação do sujeito.

⁴ Vale ressaltar que, no DSM-IV, o termo “perversão” foi substituído por “parafilia”, para se evitar o sentido pejorativo que o primeiro angariou no senso comum. Atualmente, utiliza-se o DSM-V.

V COMcult

o que custa o virtual?

Menciono aqui *O Fetichismo* (1927), texto em que Freud desenvolve ideias sobre a recusa ou o repúdio (*Verleugnung*) quando um fetiche assume a função de substituto para o suposto pênis da mãe. Recusar-se a esta percepção faria parte do mecanismo de defesa estruturante do sujeito perverso. Enquanto o neurótico realiza o recalque de seus conteúdos conflitantes e o psicótico vive muitas vezes uma realidade substitutiva de alucinações e delírios, em franca dependência do id, o perverso se move pela vontade de um gozo triunfal, chegando à passagem ao ato, isenta de culpa. Por isso, o sujeito perverso pratica aquilo que, para um neurótico, se estabelece apenas no nível da fantasia e se revela como sintoma, uma vez que o desejo está recalçado.

A perversão, desta forma, anuncia o regresso a alguma fixação anterior do desenvolvimento libidinal. Conforme lemos em Laplanche e Pontalis (2001, p. 273) “(...) la perversión adulta aparece como la persistencia o reaparición de un componente parcial de la sexualidad”⁵. Por não terem aceitado a castração, a fixação no supereu primitivo faz com que os perversos apresentem baixíssimo sucesso em qualquer situação de análise, até porque raramente procuram tal experiência. Afinal, se não há culpa, não há angústia que mova o sujeito a querer sair de seu mal-estar, tanto que é comum vermos na mídia declarações frias e sem remorsos por parte de réus que cometeram crimes hediondos; no máximo, eles ensaiam uma representação de ressentimento perante um júri e o juiz. Cabe aqui lembrar que o supereu se constitui em dois momentos na formação do sujeito: no primeiro, o arcaico, ele deriva do trauma primitivo (a própria castração), que impõe uma lei perversa regida pelo imperativo do gozo; no segundo, ele é herdeiro direto do complexo de Édipo e decorre da inscrição do Nome-do-Pai e, por conseguinte, do desenvolvimento da metáfora paterna. O segundo supereu recalca o supereu primitivo e, evidentemente, torna-se o mais importante, pois, por meio dele, o sujeito tem acesso à sua inscrição e a seu reconhecimento no desejo do Outro, o que limita seu gozo. Desta maneira, a pessoa se submete à organização e aos vínculos sociais, e entende que não pode fazer tudo o que deseja. Este processo, porém, é o que sói se dar ao neurótico. No perverso, diferentemente, o supereu arcaico, ligado a um tempo primordial, fixa sua própria lei; cruel, esta instaura o imperativo do gozo. Divergindo do que ocorre no

⁵ “(...) a perversão adulta aparece como a persistência ou reaparecimento de um componente parcial da sexualidade.” (tradução minha)

V o que custa o virtual?

segundo tempo do supereu, o gozo perverso desafia o pai e as leis, pretende usurpar o lugar paterno e, compulsoriamente, busca satisfazer-se na pulsão sado-masoquista. Isto só se opera porque o sujeito perverso quer viver sua própria lei, resumida em um imperativo: “goza!”. Severo Sarduy (1978, p. 17), retomando as ideias de Lacan, menciona a repetição como o suporte último da imaginação sádica e de todo tipo de perversão:

Perverter-se não é só ampliar os gestos da sexualidade, como também reduzi-los. (...) O perverso explora um instante; na vasta combinatória sexual só um *jogo* o seduz e justifica. (...) Vertigem desse inalcançável [instante], a perversão é a repetição do gesto que crê alcançá-lo. E é por chegar ao inacessível, por unir realidade e desejo, por coincidir com seu próprio fantasma, que o perverso transgride toda lei (SARDUY: 1978, p. 17).

Em um segundo momento, pode-se dizer que os estudos sobre a perversão ganharam novo aporte com as contribuições de Jacques Lacan, notadamente quando o psicanalista trata do Outro do gozo. Para todos os seres falantes não há gozo (nem relação) sexual. Jorge A. Pimenta Filho (2014) nos lembra, porém, que o perverso tenta desmentir esta máxima, visto que se recusa a admitir a castração pela qual passou, preferindo ser o falo (significante) imaginário (da falta de gozar) da própria mãe. Lacan afirmou: “A perversão tem sempre alguma relação, nem que seja de horizonte, com o complexo de castração” (LACAN, 1995, p. 256). Pimenta Filho ressalta que o desejo do perverso assume a vontade de um gozo, que busca se estender até os confins do prazer, lá onde se localiza a dor.

De maneira comparativa, pode-se afirmar que, na neurose, as fantasias compõem uma teatralização particular; já no desejo do perverso, elas se dão de maneira escancarada, o que tem relação direta com o que discuto neste artigo: as práticas e ações violentas atingem um patamar extremo na atualidade, pois são também ubíquas, globais, instantâneas.

Pimenta Filho ainda ressalta que a vontade de gozo equivale à pulsão de morte freudiana, à lei impiedosa que se resume na máxima “podes porque deves”, e faz o sujeito assumir uma cruel indiferença. Para ele, aos sujeitos perversos, que estão na posição de mais-gozar, são atribuídas as variadas psicopatias (ou caracteriopatias) psiquiátricas, as quais podem ser denominadas de “patologias do ato”. Nas três estruturas clínicas, por exemplo, podem se verificar atuações do sujeito que faz uma aposta sem o Outro e percorre o danoso

V COMcult

o que custa o virtual?

caminho do mais-gozar, aquele excesso de satisfação que, no final das contas, tem um poder maléfico: os anoréxicos, os bulímicos, os obesos, na esfera dos distúrbios comportamentais; ou os toxicômanos, os delinquentes, os adolescentes infratores, no âmbito dos atos antissociais (cf. PIMENTA FILHO, 2014). E lembro que gozo, em psicanálise, não se refere necessariamente a prazer, satisfação ou orgasmo; ao contrário: quase sempre ele aponta para um conjunto de sensações próximas ao mal-estar e ao descontentamento.

Sem uma questão, e, portanto, sem uma angústia norteadora, os canibais, tanto os de *The Walking Dead*, quanto os que vemos nas mídias de hoje⁶, oferecem um tudo para o Outro, pois o perverso joga com o saber como o outro goza.

O simbólico enfraquecido

Volto-me para a maneira como se deu a cena perversa na sequência de canibalismo em *The Walking Dead*, e penso em uma delimitação para o conceito de violência que possa se aplicar a este artigo. Parece-me que “violência” e “agressividade” sempre foram termos utilizados quase sinonimicamente em psicanálise, mas o primeiro tende a ser mais poroso e de maior amplitude do que o segundo, dizendo sempre da incapacidade de um sujeito se ater ao simbólico quando defronta problemas e desafios. A palavra “agressividade”, por sua vez, está mais ligada à estruturação do eu no estágio do espelho, de acordo com a teoria de Lacan. Por conta da falta de precisão terminológica que o termo “violência” assume, preferi acercar-me da necessária participação do humano no mundo da linguagem como condição para se estabelecer um ato violento. Desta forma, não me interessa se os outros animais agem de maneira violenta em seus ecossistemas e entre si, uma vez que o que caracteriza a violência em nós, especificamente, é o enfraquecimento da mediação simbólica e de seu caráter pacificador. E ressalto que, ainda que se tente atribuir a violência às outras estruturas clínicas, a maior parte das relações humanas se dá entre neuróticos que possuem relativa capacidade de pensamento e decisão⁷.

⁶ Cf. um caso de canibalismo que ganhou relevo na mídia brasileira: <http://noticias.ne10.uol.com.br/juri-dos-canibais/noticia/2014/11/13/canibais-confessam-crimes-mas-divergem-nos-depoimentos-519404.php>

⁷ As particulares modificações da subjetividade não podem ser ignoradas em cada época. Por conseguinte, em certa medida, pode-se dizer que vivemos um momento em que os aspectos necessariamente perversos da

V COMcult

o que custa o virtual?

Muito se discute sobre a questão do sintoma e do trauma vinculados aos variados arranjos proteriformes de violência. Por isso, para fins deste texto, uma atitude violenta é sempre uma passagem ao ato, independentemente da estrutura clínica à qual ela subjaz, em clara demonstração de que algo falhou no discurso simbólico. Em decorrência da violência exacerbada, surge o medo excessivo, encarnado na paranoia. O empobrecimento da capacidade de representação, pois, é refletido pelo aumento dos atos violentos que se focam, prioritariamente, nos registros do corpo; em contrapartida, vivemos uma onda de recursos, muitas vezes paliativos, para a contenção da violência: a psiquiatrização da vida, que reduz a complexidade dos sujeitos a um código do DSM V, e as panaceias alopáticas, que visam a “curar” as pessoas dentro de um tempo “socialmente desejável”. Somado a isso, verificam-se as profusas e confusas “terapias” de mixagem cognitivo-esotérica, que pouco auxiliam na travessia da neurose.

A maior parte dos problemas humanos são causados por mal-entendidos: ou entre sujeitos, ou entre povos, ou entre pessoas e máquinas, ou entre pessoas e animais, etc. Esta foi a tônica que *The Walking Dead* assumiu claramente, desde a primeira temporada. E tem sido a mesma que muitas obras contemporâneas adotam, tanto no cinema, quanto na TV, na internet, na literatura. Pessimista, porém, o seriado de zumbis aponta para um desenrolar apocalíptico da vida humana. A escolha pela pulsão de morte suplantou as demais possibilidades, como vemos entre os praticantes de canibalismo da funesta comunidade *Terminus*: sobreviver o máximo possível, ainda que este máximo sejam alguns dias, tornou-se a razão de os personagens se aproximarem, se unirem, mas, também, se estrangularem e se exterminarem. Para o espectador que acompanha a série, o fatal desfecho se estranha a uma questão de tempo, pois o que ainda separa o vivo do não vivo é um limite tênue, mediado pela contaminação virótica; esta, sim, a última marca pungente da humanidade.

sexualidade, incluindo, obviamente e sobretudo, a dos neuróticos, estão exaltados: a busca por mais prazer é dominante em praticamente todas as sociedades contemporâneas.

V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura - São Paulo – 2015



Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-V**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- APPADURAI, Arjun. **O medo ao pequeno número. Ensaio sobre a geografia da raiva**. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- FREUD, Sigmund. *Análise Terminável e Interminável*. In: **Obras Completas. Ed. Standard, v. XXIII**. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.
- _____. *História de uma neurose infantil*. In: **Obras Completas. Ed. Standard, vol. XVII**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- _____. **O mal-estar na civilização**. [1929] São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2011b.
- _____. *O Fetichismo* (1927). In: **Obras Completas Volume 17. (1926-1929)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 4: a relação de objeto**. [1956-1957] Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- _____. *Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina*. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. (1948). *A agressividade em psicanálise*. In: **Escritos** (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. **O Seminário, livro 23: o sinthoma**. [1976] Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Dicionário de Psicoanálise**. Buenos Aires: Paidós: 2001.
- MACÊDO, Lucíola Freitas. **Primo Levi: a escrita do trauma**. Rio de Janeiro: Subversos, 2014.
- PICHOT, Pierre (Coord.). **DSM-IV. Manual diagnóstico y estadístico de los trastornos mentales**. Barcelona: Masson, S.A., 1995.
- PIMENTA FILHO, Jorge A. **As patologias do ato**. Disponível em: <http://acfpportugal.com/cartaacf/patologias.htm> Acesso em: 15 de novembro de 2014.
- SARDUY, Severo. **Escrito sobre um corpo**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- THE WALKING DEAD BRASIL. **Comparação TV x HQ: The Walking Dead S05E03 “Four Walls and a Roof”**. Disponível em: <http://www.thewalkingdead.com.br/the-walking-dead-s05e03-comparacao-hq/> Acesso em: 17 de novembro de 2014.